

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1908

N.º 225

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

A primeira visita official

d'El-Rei

O senhor D. Manuel II



Festa na Escola do Exército

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLIV

O mez... das flores de rhetorica. O parlamento compensa brilhantemente a pobreza dos jardins e alegretes. As rosas da eloquencia academica dos srs. Antonio Candido e João Arroyo e os cravos rubros da eloquencia revolucionaria dos srs. Affonso Costa e Brito Camacho. Todos contentes com o parlamento menos o sr. Paccini! Se elle fica!... — As manifestações de lealismo monarchico e de sympathia pessoal pelo Senhor D. Manuel. A proxima viagem de S. M. ás provincias. O papão da crise economica.

Visita de El-Rei á Escola do Exercito



Maio é denominado, como vossas excellencias sabem, o mez das flores. E assim se lhe chama por n'este mez desabrocharem as mais frescas e lindas rosas, os mais petulantes e lascivos cravos, alem de outras flores de categoria inferior.

Ora este anno, mercê não sei de que, não houve a costumada abundancia de flores por esses jardins e quintaes de Lisboa, picando com as suas frescas côres o fundo verde dos canteiros e talhões. Mas nem por isso maio ficou prejudicado em seus creditos de mez florido, porque lhe accudiu o parlamento com as suas famosas flores de rhetorica. Os srs. Antonio Candido e João Arroyo dispensaram-lhes as rosas de tons suaves da sua eloquencia academica e os srs. Affonso Costa e Brito Camacho os rubros cravos da sua eloquencia revolucionaria. Arranjou-se tudo e é de justiça dizer que tudo se arranhou ainda pela influencia benefica da acalmção preconizada por gregos e troyanos n'esta quadra difficil da vida nacional.

As sessões parlamentares correm interessantes — e n'este ponto não ha duas opiniões — comquanto sigam improductivas para a salvacão da patria — e n'este outro ponto todos estamos de accordo. Ha 26 dias que o parlamento abriu e pouco mais se tem feito que nomear commissões, pedir documentos, exigir inqueritos e responder ao discurso da corôa. Só o sr. Baracho tem solicitado papelada que decerto não lhe caberia em casa se houvesse pessoal sufficiente nas secretarias de Estado para tirar as respectivas copias.

No entanto todos andamos satisfeitos com o parlamento e seus trabalhos. Todos — menos o sr. Paccini que deve estar furiosissimo com o regimen parlamentar e acerrimo defensor da dictadura. Pudera! Se lhes parece! Correr o risco de perder S. Carlos, aquelle baluarte inexpugnável, que talvez vá

parar a mãos christãs! Mas que se livrem os paes da patria de que o theatro seja entregue novamente, por adjudicação, ao sr. Paccini! Nunca mais, nunca! suas excellencias gosarão a dita de ouvir a sua opera acomodados n'um fauteuil da elegante sala do theatro lyrico! O sr. Paccini, omnipotente, coactar-lhes-ha o direito de assignatura, mesmo da compra avulso.

E como é natural que assim venha a succeder, antecipadamente apresento os meus cumprimentos de parabens aos senhores deputados da nação portugueza pelas economias que farão, quer pelo que diz respeito á assignatura, quer na inevitavel despeza com o tratamento das doenças de ouvidos...

Succedem-se as manifestações de lealismo e sympathia a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel, que por toda a parte é victoriado entusiasticamente, com a profunda sympathia que merecem a sua mocidade, as nobres qualidades do seu generoso e recto espirito, a sua desventura, emfim. No meio das suas amarguras que seja consolação para El-Rei a certeza de que é bem amado pelo seu povo, que de todo elle, sem distincção de classes, tem recebido as mais inequivocas e carinhosas provas de respeito e estima.

Nas suas visitas a estabelecimentos do Estado, como as Escolas do Exercito e Naval, o Monarcha foi victoriadissimo, não como querem insinuar os inimigos das instituições, apenas pelo elemento official, mas pela população da capital que á appareição de Sua Magestade rompe em manifestações de uma espontaneidade que ninguem de boa fé pode contestar.

Entre todas essas manifestações merece registo especial a da laboriosa cidade do Porto, que revestiu uma imponencia extraordinaria e teve uma altissima significação, já pelo numero, já pela qualidade das pessoas que a promoveram. A grande commissão que o Porto enviou a Lisboa para affirmar a El-Rei a lealdade e sympathia da heroica cidade e o seu protesto contra o vilissimo attentado do 1.º de fevereiro, compunha-se dos elementos mais valiosos e distinctos das classes preponderantes. A frente d'essa commissão vinha o conde de Samodães, o velho e illustre fidalgo que é uma das mais prestigiosas figuras da sociedade portugueza pelo seu nobilissimo caracter, pelo seu saber, pela sua valiosissima obra, pela sua vida de trabalho constante e honrado. O conde, decano dos pares do reino, antigo ministro da fazenda, economista e homem de letras distinctissimo, velho e lealissimo servidor das instituições, á frente de quasi mil pessoas, que tantas eram as que constituíam a commissão, leu a El-Rei e a Sua Augusta Mãe a mensagem da capital do Norte, que é um documento nobilissimo sincero, tocante. As Magestades não puderam furtar-se a uma profunda commoção e muito sensibilizado El-Rei agradeceu, abraçando muitas vezes o conde de Samodães, as eloquentes provas de lealdade e sympathia do Porto, prometendo para breve uma visita á cidade da Virgem.

Parece que em breve El-Rei visitará as provincias, talvez antes da costumada villegiatura da Familia Real. Só ha que louvar este proposito do Monarcha, que precisa pôr-se em contacto com o paiz, interessar-se pela vida nacional que, graças á prudente e conciliadora acção do governo, vae ganhando a precisa serenidade. São muitos, variados e importantissimos os problemas com que o Senhor D. Manuel II vae defrontar-se e terá de estudar. E de muito proveito lhe será sem duvida, a visita ás provincias, onde pessoalmente Sua Magestade verificará o muito que ha a fazer, mórmente n'esse privilegiado



El-Rei e o sr. conselheiro Pimentel Pinto
El-Rei e o Senhor Infante D. Affonso
El-Rei visitando a Escola do Exercito
acompanhado pelos srs. conselheiro Pimentel Pinto e coronel Castro



Visita de El-Rei á Escola do Exército. — El-Rei, o Senhor Infante D. Afonso, ministro da guerra e conselheiro Pimentel Pinto assistindo na tribuna aos exercícios dos alumnos

e desditoso Douro, ha tanto a braços com uma tremenda crise que, affectando particularmente a região, causa larga perturbação na vida economica do paiz.

A viagem de El-Rei será certamente um novo triumpho para a causa monarchica e parece-nos não errar dizendo que as consequencias d'ella serão desastrosas para a feroz propaganda demagogica que para ahi campeia á redea solta, com grave prejuizo da tranquillidade geral e até gravame para individualidades que pelos actos mais simples demonstram não commungar no sagrado altar de uma liberdade que se affirma pela intolerancia mais feroz e pelo odio mais esverdeado.

Com excepção de dois, estão abertos todos os theatros de Lisboa, e, como se isso fosse pouco, vae abrir muito brevemente o Paraíso de Lisboa. Se a esta lista juntarmos os animatographos estabelecidos por toda a parte, até em vãos de escada, com grande gaudio do povinho e das auctoridades — até que uma grande desgraça abra os olhos a todos e decidamos á uma trancar a porta depois de roubados — e se ainda a este addicionarmos a feira de Alcantara, que este anno tem tido excellente concorrência apesar do tempo agreste dos ultimos dias, vemos sem difficuldade que a despeito das pavorosas informações que se boquejam por ahi sobre uma tremenda crise economica, Lisboa, cuja população fluctuante deve andar por duzia e meia de pessoas que chegam de manhã e regressam ás suas terras

à noite, chega para, pelo menos, garantir a existencia de numerosissimas casas de espectáculo. Vamos lá, que, como symptoma de crise, isto já não é de todo mau.

A crise economica! A quem illudirá este papão, se tudo, mas tudo, porfia em negal-a?

A febre da edificação, a montagem de estabelecimentos riquissimos, a concorrência extraordinaria e mil e uma diversões...

Ainda hontem, lançando os olhos a uma curta lista de casas para alugar, verifiquei que as poucas offerecidas eram de renda inferior a cento e cinquenta mil réis.

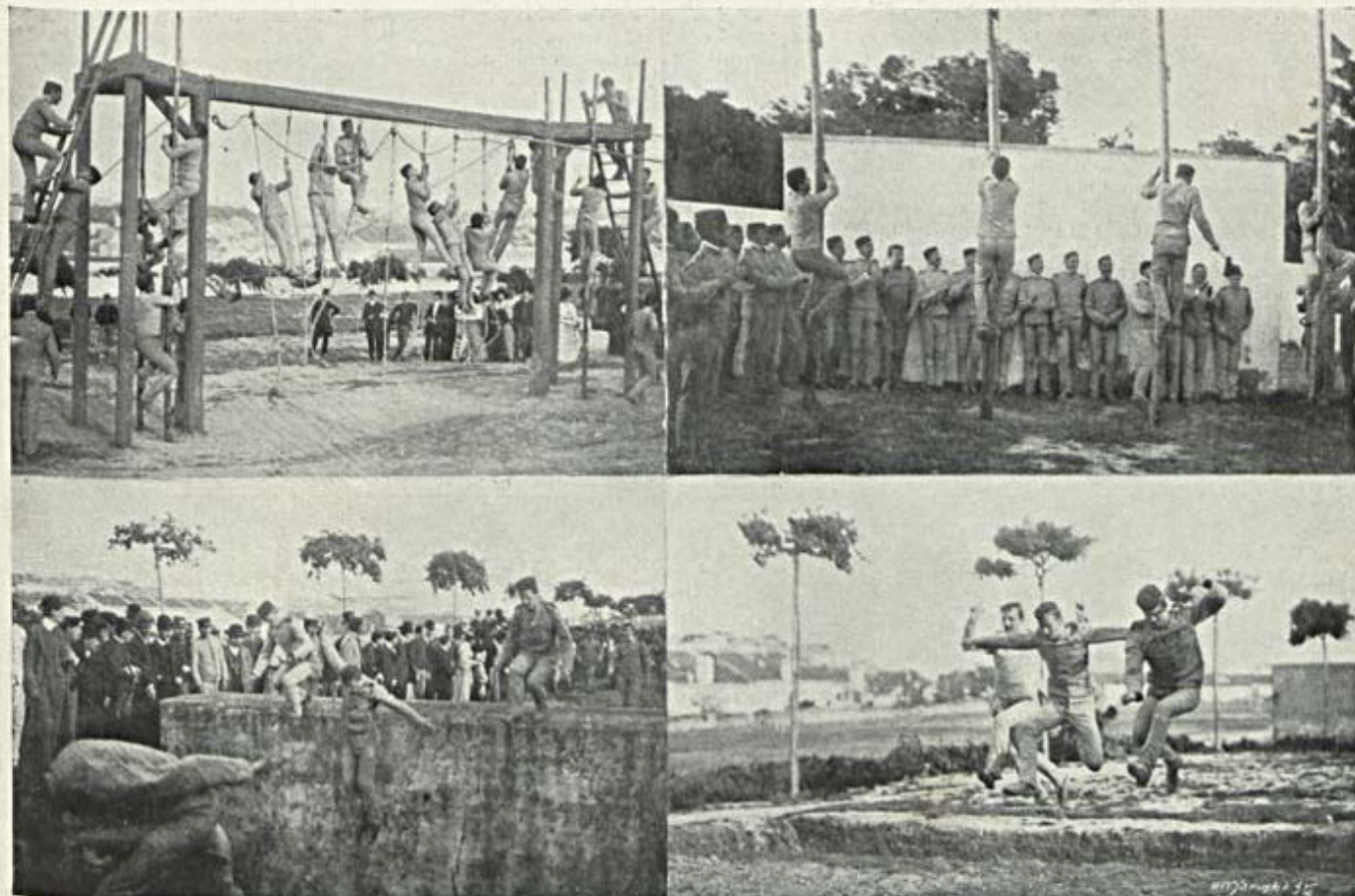
De certas coisas se diz que se não existissem necessario seria invental-as. D'esta famosa crise economica se pode dizer que, se existe, parece ser de necessidade ... negal-a.

CAMARA LIMA.

A primeira das virtudes é a paciência. E' nas afflicções que ella tem o seu lugar de honra.

O verdadeiro fim da sciencia é distinguir o bem do mal.

Receber beneficios é vender a liberdade.



Visita de El-Rei á Escola do Exército. — Aspectos dos exercicios escolares



Visita de El-Rei á Escola do Exercito. — Um aspecto

A chave no mar

I

Num paiz proximo do mar viviam tres irmãos, cuja miseria apiedaria o coração de um tigre, mas que não impressionava nem os homens nem as mulheres.

Gilberto, que era o mais velho, e tinha uns vinte annos, estava ao serviço de um lavrador tão avaro e cruel, que mal lhe pagava o jornal, fazendo-o quasi morrer de fome. O segundo, chamado Carlos, era pescador e servia um barqueiro que o conservava ainda em peores condições que aquellas que soffria Gilberto.

O mais novo, Cyrillo, não quiz nunca soffrer o dominio de um amo e o seu instincto levava-o a vagar pela solidão, pensando em coisas que depois não sabia explicar.

Ao principio caçava as aves com redes, mas inutilmente, porque soltava sempre os passarinhos, commovido ante a dôr que elles mostravam vendo-se prisioneiros.

De modo que era este o irmão mais pobre.

E para lhes augmentar a tristeza dava-se a circumstancia que não tinham nascido nas condições em que se encontravam, pois eram filhos de reis, a quem um poderoso inimigo usurpara os seus dominios depois de os ter morto.

Um domingo apresentou-se ao povo um charlatão que do alto de um carro proclamava as excellencias da sua mercadoria.

Mas não annunciava, como os seus collegas, a venda de nenhum especifico maravilhoso para a cura das doenças. Apenas, por um diminuto preço, offercia ao publico tres cofresinhos de ebano, fechados á chave, e dentro de cada um encerrava-se um talisman incomparavel.

Quem os comprasse, seria feliz, poderoso entre os mortaes.

— E não julguem, observava, que vendo caras essas maravilhas. Dou-as por qualquer coisa. Se não tem oiro, prata ou cobre, contento-me com um objecto de pequeno valor. Ha por ahi alguém que não queira comprar a ventura tão barata?

Os aldeãos, gente por habito desconfiada, fizeram ouvidos de mercador, não acreditando nem patavina do que ouviam.

Dispersaram os grupos e Cyrillo voltando-se para os irmãos:

— Se fosse verdade?

Estas palavras, calaram de tal maneira no animo dos outros dois, que compraram os cofres, o primeiro em troca de umas cebolas, o segundo por um salmão não muito fresco, e o terceiro por um pintasilgo ferido, que levava junto do peito para o curar e que tencionava pôr em liberdade.

II

Decorridas algumas semanas não se falava mais que de um monarca, em extremo poderoso pelo numero de subditos e pela gloria com que se coroara nos campos de batalha.

Era Gilberto, a quem o cofresinho proporcionava toda a especie de bem-estar.

Mas se Gilberto era o mais poderoso dos reis, Carlos, na mesma cidade, converteu-se no mais rico dos negociantes. O cofre proporcio-



Visita de El-Rei á Escola do Exercito

Grupo de senhoras, entre as quaes figuram as filhas do sr. conselheiro Pimentel Pinto, victoriando El-Rei

nava-lhe todos os thesouros da terra e a arte de os augmentar constantemente.

Possuia enormes armazens e para elle vinham navios carregados de admiraveis e maravilhosas joias.

Os dois irmãos eram senhores do mundo, e tinham disfructado todo o genero de alegrias e prazeres.

Passados tres annos principiaram a aborrecer-se, levando todo o santo dia a bocejar a mais não poderem.

Um e outro trocariam o que possuíam, pela possibilidade de um goso ainda não experimentado.

Por fim recordaram-se do irmão mais novo, do qual não tinham nunca sabido noticias.

Separados d'elle, não se occuparam mais da sua pessoa. Com certeza o cofre mysterioso o enchia tambem de dadivas. E, provavelmente, o tédio invadira-o afinal.

Puzeram-se os dois a caminho, á sua procura, até que chegaram ao paiz onde Cyrillo vivia.

Manifestações de lealdade á monarchia



A ida dos professores primarios ao Paço

III

Encontraram-o n'uma manhã de abril recostado na relva de um terreno cerca do mar.

O que mais os surpreendeu foi verem-no vestindo farrapos como outr'ora.

Pois quê? O charlatão tel-o-ia enganado?

Os dois chegaram-se mais e viram que Cyrillo não dormia, mas que, extasiado, contemplava o céu.

— Em que estado te encontramos, irmão! O auxilio, porém, que necessitares de prompto t'o prestaremos.

Manifestações de lealdade á monarchia



Os portuenses em Lisboa. — Junto á estação do Rocio
Uma grande manifestação monarchica

— De que te serviu o cofresinho? perguntou Gilberto. Não te deu nada do que desejavas?

Cyrillo, sem desviar os olhos do firmamento, respondeu:

— Não me falem mal do cofre, porque tudo quanto ha de bom por mim tem passado.

— Que foi que te aconteceu?

— O que continha elle?

— Não sei.

— Ignoras?

— Como querem que o saiba, se não cheguei a abril-o?

Gilberto e Carlos olharam-se, julgando que o irmão enlouquecera.

E Cyrillo proseguiu:

— Ah! cofresinho querido! Deste-me uma coisa que vale mais que os positivos gosos que encerrava, visto que, devido a ti, pude sonhar com elles. Mais gratos e duradouros por serem certos, tenho-os sempre na forma de esperança, porque nunca desfructei a dita que se me offereceu. Afastem-se em paz, irmãos, e deixem-me sonhar aqui com os olhos de alma fixos no céu. Não existe felicidade que valha uma chimera, e assim, para não cahir na tentação de abrir o cofre, deitei a chave ao mar.

CATULLE MENDÉS.



O leque



leque, que se tornou um dos elementos essenciaes dos adornos femininos ao mesmo tempo que uma das melhores armas offensivas e defensivas da galanteria, appareceu no mundo, n'uma epoca imprecisa, como simples objecto utilitario. Primeiramente serviu, nem mais nem menos, para proteger os «filhos do céu» contra os calores torridos do clima do Extremo-Oriente.

Conta-se que a amavel Lam-Si, cujo pae era um poderoso e venerado mandarim, assistiu um dia a uma festa religiosa. A temperatura era insupportavel, o sol dardejava a prumo sobre a multidão immensa agudos raios e, com a intensa

calma, as folhas das arvores permaneciam immoveis. Lam Si sentia a garganta apertar-se-lhe, comprimia-a uma angustia, apoderava-se d'ella uma vertigem. Bruscamente arrancou a mascara que lhe cobria o rosto e agitou-a para se dar um pouco de ar. O gesto pa-

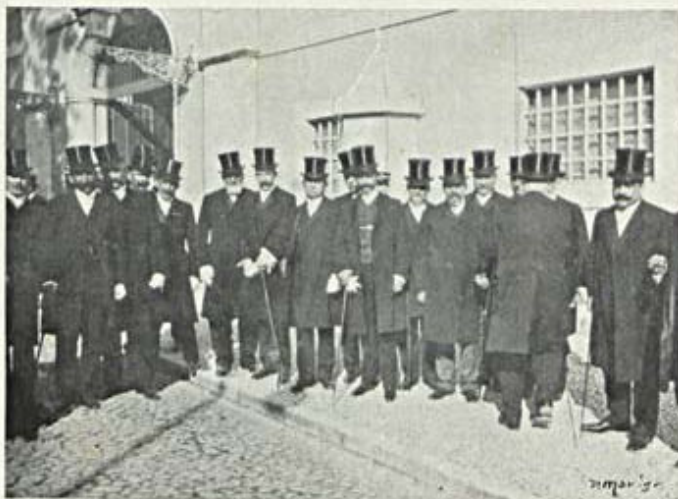
receu bonito e a ideia pratica; n'um volver de olhos milliares de mulheres tiraram a mascara e imitaram a amavel Lam-Si. Havia nascido o leque.

Não tardou a ser adoptado em muitas regiões. Os industanicos fabricaram leques com folhas de loto, de palmeira, de bananeira, etc. Um dos seus poemas sagrados, mostra-nos a filha do rei Nila abandonando com o seu leque o fogo dos penates. «Mas, acrescenta o poema, o fogo não flammejava enquanto ella o não bafejasse com o sopro dos labios encantadores, porque estava captivo de amores por essa admiravel joven». Gracioso pensamento, verdadeiramente oriental!

Muitas lendas fallam tambem do «chamarat»: era o leque aperfeiçoado, em mosaico de plumas, com punho de jade ornado de pedras preciosas.

O Egypto acolheu o leque desde os tempos mais remotos.

Quanto aos japonezes deram-lhe logo um lugar importante na vida nacional. Homens e mulheres, ricos e pobres, paisanos e militares, nunca abandonam por assim dizer, o leque. Fazem uso d'elle nas mais variadas circumstancias. Por exemplo: não cortejam, como nós, com o chapéu, cumprimentam com o leque; empregam-no em guisa de canhenho, dão-no como recompensa aos escolares estudiosos e serve de gratificação. Encontra-se na rua um mendigo? dá-se-lhe esmola sobre o leque aberto. Um homem de classe elevada era con-



Os portuenses em Lisboa. — A' sahida do Paço das Necessidades

demnado á morte? Annunciava-se-lhe a sentença apresentando um leque e decapitavam-no no momento em que elle se inclinava e fazia o gesto de pegar n'esse estranho presente.

Roma conheceu o «fiabellum» (grande leque de pennas de pavão, de folhas de loto, preso a uma longa haste), que ficou sendo uma das insignias do papado, depois de ter sido insignia imperial.

Os peregrinos e os cruzados communicaram o uso do leque ás nossas avós da idade média.

Em França, onde esse atavio galante tem tido uma existencia brilhante, foi Catharina de Medicis quem espalhou a moda do leque, fazendo-se acompanhar de um bando de artífices italianos que fabricavam leques de penas de abestruz, de pavão e de papagaio, vendendo-os ás damas. Alguns mezes depois não havia uma mulher elegante que não trouxesse um leque, seguro por uma cadeiasinha de ouro a uma grossa corrente que lhe cercava a cintura.

Na occasião da Fronda o leque teve o seu tom guerreiro. A duquesa de Montpensier foi vista a agitar um bonito e provocador leque, a que estava preso o famoso ramo de palha com um laço de fita



Os portuenses em Lisboa
Subindo o Chiado a caminho do Paço

azul; e, imediatamente, a multidão das bonitas bradamantas acorreu para deprimir Mazzarino.

Luiz XIV, que gostava das galanerias de bom gosto, obrigou o leque a retomar o seu uso normal, a que imprimiu grande lustre. Foi o tempo em que o leque triumphou na scena com a Celimano do «Misanthrope» e a Philaminta das «Sabichonas»; em que reinou no palacio de Rambouillet e nos salões das preciosas, que lhe chama-

muito no leque e Luiz XVIII deu o exemplo escrevendo uma bonita estrophe n'um leque de marfim que pousaram junto d'elle.

Duas aneddotas historicas para terminar:

O rei Luiz da Baviera dava um baile. Vendo que uma princeza deixara cahir o leque, dobrou precipitadamente um joelho para o levantar, ao mesmo tempo que um official cumpria egual dever de galantaria. Monarcha e official encontraram as frentes com uma violencia



Os portuenses em Lisboa. — Grandiosa manifestação em frente do Paço das Necessidades

vam o «guarda-vento do pudor» e o «utilzephyro»; o tempo, finalmente, em que, nos bailes mythologicos, nos quaes o rei dançava, se via a nympha que lhe ficava em frente cadenciando o passo do minuete, por meio de um longo leque.

O leque do grande seculo era de couro, pellica, frangipana perfumada, papel e tafetá e as varetas de marfim, de ouro, de prata e de madreperola. Luiz XIV celebrou-o até em verso, quando presenteou a duquesa de Borgonha com um leque da China.

Um pouco mais tarde, o leque decaiu, voltando a triumphar no tempo da Regencia. Artistas illustres decoram-n'o com pituras delicadas: Watteau, Moreau, Fragonard, etc., rivalisavam em primores.

Depois, em 1789, do mesmo modo que na Fronda, o leque fez politica: as nymphas e as pastoras de Watteau deram logar as figuras symbolicas da Lei, da Justiça e da Razão. Em seguida desapareceu até 10 thermidor, em que as senhoras Tallien e de Beauharnais e mademoiselle Lange se apoderaram d'elle e novamente o passearam nos bailes de Calypso e das Victimas.

No primeiro imperio cobriu-se de tropeus e de emblemas victoriosos; durante a Restauração, nos salões onde se tocava harpa e téorba, arvoraram-se os leques anagrammaticos; por um mecanismo que punha certas letras, as legendas escriptas n'elles modificavam-se. Assim «Roma» transformava-se em «Amor», etc. Versificava-se

tal, que o rei ficou atordoado; a echymose produziu na fronte do Luiz da Baviera um defeito enorme, que conservou até á morte.

A segunda anednota é como segue:

Em certo tempo, um representante da França teve uma audiencia do bey de Argel, a quem tinha de fazer sérias reclamações. Foi mal acolhido e como o francez lhe falasse com arrogancia, o bey arbatou-se de tal modo, que feriu o interlocutor com o seu leque. Intimidado a apresentar desculpas publicas, recusou tenazmente; era provocar uma declaração de guerra, que se não fez esperar e que teve como resultado a conquista da Argelia pela França.



Olhar...

Não é mais candido o olhar da ave!
Oh! se tu soubesses como foi
Para a minha alma um balsamo suave
Aquelle teu olhar... Deus te abençõe!

Suavissimo, puro, íntimo, terno
Como o ultimo olhar da mãe... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquelle olhar agora!

Nunca em meu peito ancioso cahiu baga
Tão suave de balsamo celeste!
E' uma luz que já se não apaga,
A luz d'aquelle olhar que me volveste!

Podesse-te eu mostrar, rapido, leve
E momentaneo até, como esse foi,
Os ineffaveis jubilos que teve
Meu coração, mulher! Deus te abençõe!

João de Deus.



Os portuenses em Lisboa; — No largo das Necessidades

Echos da acclamação

COVILHÃ



ahi ha pouco dos Paços Reaes até ao seio da representação nacional, onde foi consagrado Rei, o joven príncipe que um momento impiedoso collocou no throno de Portugal, e logo um fremito de entusiasmo fez vibrar a alma portugueza em toda a plenitude do seu temperamento peninsular, saudando a aurora redemptora de um reinado de esperanças.

Um brado unisono de acclamações ao Rei, homonymo d'ess'outro que é a synthese do mais luminoso cyclo de riquezas e conquistas, surgiu espontaneamente quando a nossa nacionalidade parecia sossobrar estiolada á mingua de civismo que outra coisa não era mais que a prostração moral do paiz ferido no amago de suas tradições de lealdade e de civilisação.

Nos paroxismos de uma dôr intensa, amparado por uma Rainha tão formosa como desventurada, subiu o monarcha os elevados degraus do solio real e essa creança que se nos apresenta desataviadamente, apenas aureolada pelos reverberos de uma bondade infinita, de uma intelligencia luminosa e de um amor incommensuravel pela sua patria, vê agrupar-se immediatamente em volta de si um povo inteiro que o exalta n'uma apothose sincera, delirantemente entusiastica, ardentemente patriótica e affectiva, quiçá a mais grandiosa que a historia regista.

Herdeiro de todas as nobres qualidades dos Braganças, dos Orleans e dos Saboyas, D. Manuel II é já o Rei querido de seu povo.

E quando um Rei consegue cimentar o throno no amor de seus subditos pela conquista dos corações, n'um pacto solemne de affecto entre um e outros, está assegurada a felicidade mutua, o prestigio da realza e a integridade de uma nação.

No concerto unanime de acclamações ao Rei de Portugal, distinguu-se tambem a cidade da Covilhã, alcaçar de trabalho, fé e lealdade, em que todos os sentimentos nobres germinam ao sol vivificador e fecundante da generosidade que acalenta o povo beirão ainda não eivado dos prejuizos enervantes de falsas utopias.

Tem a cidade da Covilhã pergaminhos autenticos que presa como um fidalgo de antiga linhagem e nos quaes lhe são dados foros de realenga por mercê — feliz coincidência — de El-Rei D. Manuel I, em

carta regia de 21 de fevereiro de 1498, pelo que do seu brazão faz parte o escudo das armas reaes portuguezas.

No labutar quotidiano de suas fabricas, ao som rythmico de suas machinas que é o mais harmonico hymno da emancipação social, na cooperação afadigosa e incessante da riqueza nacional pela industria, na pratica sã da religião pura do christianismo em que teem arreigadas crenças e com a consciencia tonificada pelo ar rarefeito dos Herminios, se formam os caracteres dos habitantes da Manchester Portugueza que n'um dado momento dão expansão aos seus irreprimiveis impulsos de amor cívico e de patriotismo.

Nas suas affirmações não ha reticencias nem hesitações.

Por isso, a fórma como a patria de Florinda, Fernão Penteado e Heitor Pinto, celebrou o historico dia da acclamação de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, que todo o Portugal adora, teve o significado de uma sincerissima e extraordinaria manifestação pela unanime espontaneidade de todas as classes predominantes da cidade que a ella se associaram.

Desde o *Te-Deum* em acção de graças realisado no vasto templo de Santa Maria, até á sessão solemne nos Paços do Concelho e á brilhantissima marcha *aux flambeaux* em que a alma popular se expandiu em catadupas de entusiasmo, as festas da Covilhã foram em tudo dignas da nossa primeira cidade industrial.

Devido á amabilidade do distinctissimo photographo amator ex.^{mo} sr. Raphael Mourão Pessoa de Amorim, um dos cavalheiros de mais destaque na sociedade covilhanense, podemos hoje publicar um trecho do salão nobre dos Paços do Concelho, ornamentado por occasião da sessão solemne alli realisada.

Alberto de Oliveira.

SONETO

Se alguma vez tentasse, oh minha doce amada!
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir — bucolico Dirceu —
A neve, a rosa, ao lirio, á tinta delicada.

A gazela medrosa, a pomba assetinada,
O ébano, o marfim, o sol, o azul do ceu,
Não tinham que dar-mo, oh foveiro escarceu,
Flama alongada em lago, onde a minh'alma nada!

Perfumes na palêta, em vez de tintas, pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo;
N'essa boca a mordente escalônia; e, no olhar,

A magnolia, que lembra um antarctico mar;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras cômas!

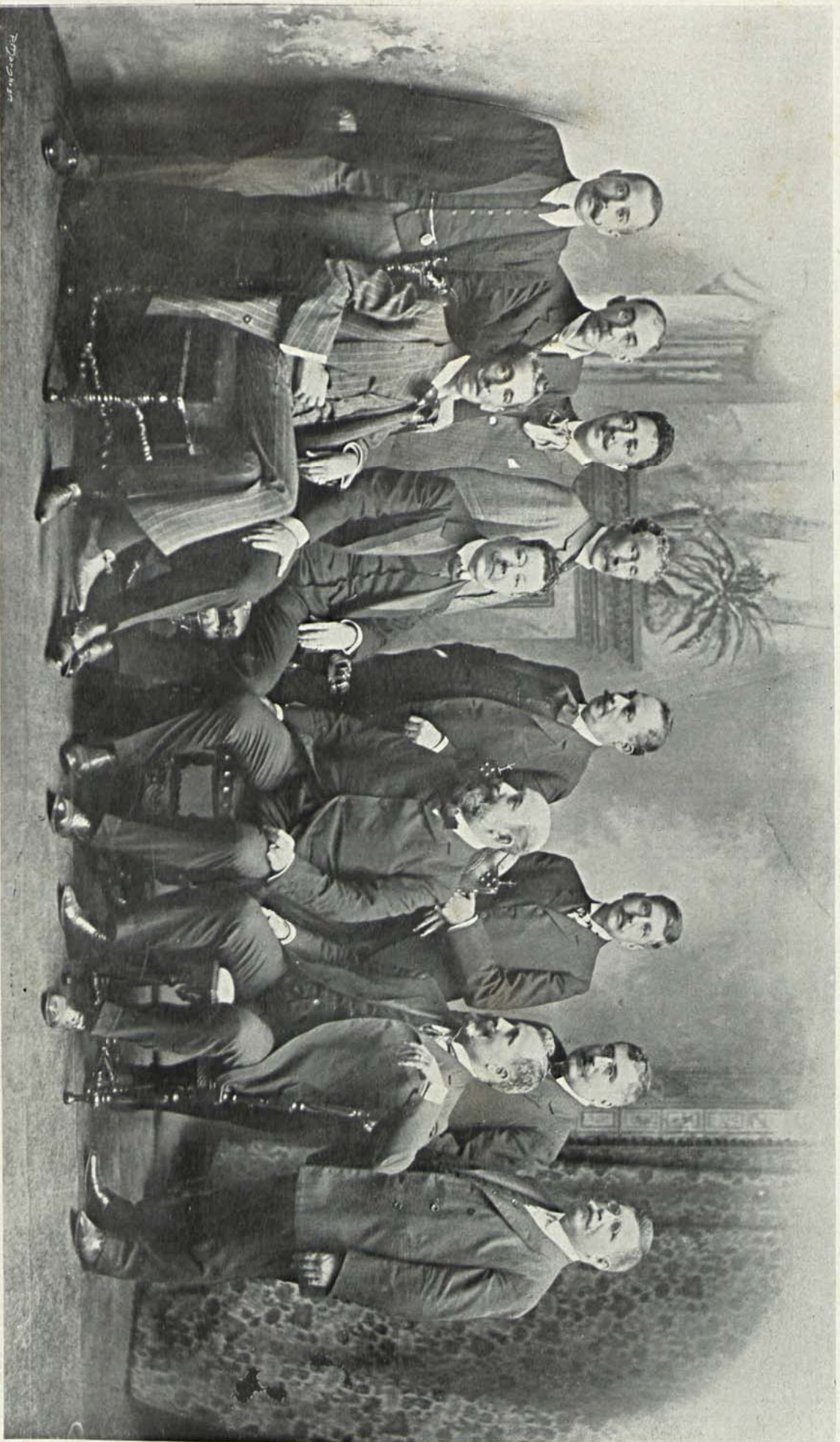
Manuel Duarte d'Almeida.

Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II



Na Covilhã. — Sessão solemne nos Paços do Concelho — Aspecto da sala

Comissão portuguesa da Exposição do Rio de Janeiro



Da esquerda para a direita: SEXTIDOS — *Commendador Leo de Affonseca, Visconde de Salgado, consul geral de Portugal, o presidente da comissão João Lopes Chaves e Antonio Gomes da Costa Pereira*

Em pé — *Commendador Filipe de Sousa Belford, Barão de Peres da Silva, Jullião Machado, Loryô Tavares*

Commendador Alvaro Frederico Theófilo Lobo, vice-consul de Portugal, Commendador Gabriel Marques Carregal, Luiz Vidal e José Constante

Exposição nacional de 1908 no Rio de Janeiro



Consciente ou inconscientemente — que nos perdõe a disjunctiva o illustre diplomata e ainda mais illustre homem de letras sr. Oliveira Lima que, em campanha tenaz e profícua, vem preparando, de longa data, a canonização de D. João VI perante o grande concílio adverso da História — o cauteloso filho de D. Maria I.^a prestou à colônia do Brasil os mais alevantados serviços. Fosse ou não do conselho auctorizado de Rodrigo de Sousa Coutinho ou da patriótica suggestão de Silva Lisboa a iniciativa dos actos memoráveis que prepararam a independência do Brasil, por uma forma que só não classificamos de singularmente incruenta em todo o continente americano por não amesquinhar a data gloriosa do 2 de julho que a Bahia commemora em cada anno com maior brilho e mais ardente entusiasmo; ninguém poderá negar ao Príncipe Regente a homenagem reconhecida que o Brasil lhe deve e que os bons espiritos, esclarecidos pela brilhante reabilitação alcançada pelo notável historiador pernambucano, nobremente rendem e proclamam.

Tivemos a ventura de gosar, ha quatro annos, o fino regalo intellectual que a uma enorme assistência proporcionou o sr. Oliveira Lima, n'uma conferencia realisada no theatro «João Caetano» de Niteroy, por occasião das festas publicas com que a capital do visinho Estado honrou a memoria do Príncipe Regente. N'um estylo terso sem affectações, correcto, sem artificios, e fluente, limpo e original; com uma dicção tão clara, tão perfeita e harmoniosa que se diria afinada n'um meio em que sómente convivessem os poucos que bem falam em Portugal e no Brasil; o primoroso conferente traçou o mais completo, mais documentado, mais verdadeiro e, para que não dizel-o? mais inesperado perfil d'esse Bragança que a lenda amesquinha, ridiculizando-o através de um sem numero de aneddotas grosseiras e picarescas.

Foi profunda a impressão do auditorio, que os trabalhos ulteriores do illustre membro da Academia de Lettras conquistaram por inteiro, associando todo o Brasil intellectual no culto pela gratidão devida ao grande bemfeitor do Brasil!

D'esta campanha superiormente conduzida e brilhantemente ultimada nasceu a Exposição Nacional de 1908, a inaugurar-se a 15 de junho proximo, para commemorar o decreto de 28 de janeiro de 1808, que abriu os portos do Brasil a todas as nações amigas.

A Associação Commercial do Rio de Janeiro propoz, antes de mais ninguém, a glorificação da famosa data. O governo e o congresso adoptaram a idéa, e foi decretada a Exposição Nacional, fixando-se para a sua abertura o dia 15 de junho proximo.

Sendo a Carta Regia de 28 de janeiro de 1908 o primeiro e maior passo para o desenvolvimento da riqueza publica, ninguém dirá que foi má a escolha da forma por que a sua commemoração se vae realisar. Além de que, após a descentralisação administrativa operada pelo novo regimen, apenas se realisaram exposições locais, preparatorias da representação do Brasil no exterior, e o proteccionismo triumphante não justificará ainda, em grande, as sympathias que aos poderes publicos tem merecido a industria nacional, em manifesta prosperidade em alguns dos seus ramos.

São desconcentrados os prognosticos sobre o successo da Exposição, desde que, por um execrando crime, lhe fálhou o mais importante dos seus attractivos. O abalo produzido pelo assassinio do Rei e do Príncipe de Portugal teriam talvez em outro paiz ou até no Brasil de outros tempos causado um desanimo invencivel com, pelo menos, um inevitavel adiamento da abertura da grande Feira.

Desde o glorioso governo passado, porém, que uma febril actividade sacudiu e animou todo o paiz e particularmente a sua capital, refeita, em meia duzia de annos, n'uma das mais bellas, mais asseadas e mais hygienicas cidades do mundo. Para os seus administradores e para os seus engenheiros não ha difficuldades nem desalentos; e, passado o effeito do choque produzido pela triste certeza de não comparecimento do real visitante, os serviços continuaram com maior celeridade, no intento ainda não desmentido de se fazer, na data fixada, a inauguração do grande certamen.

Começam já a desvanecer-se as opiniões levantadas contra a escolha no local destinado à Exposição. A medida que os grandiosos palacios federaes se completam e que os ricos pavilhões dos Estados vão erguendo atrevidamente os zimbórios, as cupulas e as flechas, n'uma compita a que presidem, meio assustados, os altos

morros do Pão d'Assucar, da Urca e da Babylonia, generalisa-se a convicção de que se não poderia encontrar algures sitio mais adequado, de mais bella perspectiva, de mais grandioso horizonte, entre duas montanhas lindissimas e limitado, de uma parte, pela serena bahia encantada de Botafogo, e da outra, pela enseada marulhosa fronteira ao Imbuhy.

Está feito o caes que vae prolongar a Avenida Beira-Mar até ao local da Exposição; macadamizada a estrada sinuosa e pittoresca — corda do extenso arco que os bonds percorrem actualmente pelas ruas da Passagem e General Severiano; construida a grande muralha em direcção à Urca, formando uma bacia de abrigo para as embarcações; nivelado, arruado, arborizado todo o enorme ambito onde cabem a vontade todos os palacios, todos os pavilhões, o theatro, os restaurants e toda a enorme frequencia que, a par dos attractivos da Exposição propriamente dita, ira certamente gosar o encanto de um dos mais deliciosos sitios do Rio de Janeiro, só conhecido até hoje da mocidade brilhante e trafega da Antiga Escola Militar, dentro de cujas paredes se desferiram os primeiros golpes contra a escravidão e contra a realza.

Na face oriental do antigo pateo de manobras, ao sopé do Pão de Assucar, ergue-se já, em construcção adeantada, o magnifico palacio, de puro estylo manuelino, que o governo brasileiro offerece a Portugal para abrigo do seu mostruario. O esplendido edificio, de 70m x 20m, foi projectado e está construido pela commissão tecnica da Exposição com um esmero e com um carinho tão manifestos que é dever irrecusavel apontar a gratidão de todos os portuguezes os nomes dos engenheiros srs. Sampaio Correia, Lossio de Seibltz e Costa Rodrigues.

Na fachada d'este palacio ostentam-se-hão, ladeando o escudo das armas portuguezas, as estatuas, de 2m 50 de altura, do rei D. João VI e do visconde de Cayul — os heroes da commemoração nacional.

A' ilharga do pavilhão manuelino, perto do theatro, dão-se as ultimas de mão ao annexo que o nosso governo manda construir, e é destinado à exposição de bellas-arts. Embora de modesta apparencia e despretenciosa architectura, ostenta uma grande pureza de linhas no seu typo de construcção destinada a uma exposição que durará dois mezes e meio, e não deslustrará os nomes de Thomaz Driendl, o reputado architecto-constructor e de Treidler, o famoso aguarellista, encarregado da pintura decorativa.

Que figura faremos nós na Exposição? E' a pergunta que a si mesmo dirigem todos os nossos compatriotas aqui residentes.

Sendo Portugal o unico paiz estrangeiro representado — altissima honra a nós concedida pelo governo da generosa nação amiga, pela intervenção sempre patriótica e congraçadora do nosso digno e saudoso ministro sr. conselheiro Camello Lampreia — não poderemos furtar-nos a uma justificada curiosidade dos brasileiros e das colonias de grandes nações, que não esconderam o seu resentimento pela singularissima distincção feita à nossa terra.

Cresce de ponto a nossa curiosidade e o nosso empenho porque o Brasil na legitima defeza dos seus interesses, envereda francamente pela politica internacional do *do ut des* e ha de fatalmente approximar-se dos nossos competidores, aptos a offerecerem-lhe, em troca dos favores recebidos, mercados vastos para productos que nós não podemos acolher em eguaes condições sem o sacrificio das nossas colonias.

Só a visita do malaventurado Rei D. Carlos poderia adiar o grande golpe que inevitavelmente nos ameaça. Privados d'esse poderoso defensor, appellamos soffregamente para o successo da nossa exposição, de que nos pôde prover um pequeno auxilio ou uma formidável derrota. E infelizmente não será o brilho da nossa secção de bellas-arts que evitará o desastre, se as nossas industrias agricola e manufactureira nos trouxerem uma desillusão.



Edificio da Escola Militar, no local da exposição, o qual foi arrasado em parte

Barroso e Saldanha



a pouco mais de um mez o Brasil prestou uma homenagem de glorificação a dois valentes marinheiros — Barroso e Saldanha — ordenando a trasladação dos restos mortaes do Uruguay para o Rio de Janeiro.

Em 5 de abril chegava a Montevideu a grande commissão de officiaes brazileiros e uruguayanos trazendo de Rivera esses despojos, que no dia seguinte eram recebidos a bordo do cruzador *Barroso*, o qual fundeava em 21 na vastissima bahia do Rio de Janeiro.

O desembarque que se effectuou no dia 14 do mesmo mez deu lugar a uma imponente manifestação de sympathia por esses dois homens que tão brilhante nome deixaram na historia do Brasil pelo seu heroismo, pela sua intelligencia e pelo seu character.



Almirante Manuel Barroso da Silva

(Cliché Bastos Dias — Rio de Janeiro).

O prestito sahiu pelas 4 horas da tarde da camara ardente do Arsenal de Marinha sendo as urnas transportadas em carrotas e estas puxadas por alumnos da Escola Naval. As forças de marinha que prestaram as honras fúnebres compunham-se de cerca de 1400 homens não contando os officiaes e a brigada do exercito era formada por sete regimentos de infantaria.

Ao cair da tarde o corpo do almirante Barroso repousava na Cruz dos Militares, onde ficará aguardando a conclusão do monumento que lhe vae ser erigido, e o almirante Saldanha da Gama era depositado na sua derradeira jazida, no cemiterio de S. João Baptista.

O *Brazil-Portugal*, mantendo o seu programma inalteravel de reproduzir pela gravura e pela narrativa imparcial os acontecimentos de maior vulto nos dois paizes, dá hoje aos seus leitores os retratos dos dois valentes marinheiros, um dos quaes muito de perto privou com um dos directores d'este jornal, e apresenta alguns aspectos da cidade do Rio de Janeiro no dia dos funeraes.

Durmam em paz os dois illustres officiaes da marinha brazileira.

Veem a proposito alguns dados biographicos acerca dos dois extinctos.

O almirante Barroso nasceu em Lisboa, na Rua Garrett n.º 17 em 29 de setembro de 1804. Crença ainda foi para o Brasil a bordo da nau em que D. João VI partiu por occasião da invasão franceza e na qual seu pae commandava uma das baterias.

Poucos annos depois voltava a Portugal e tendo feito o curso do Collegio Militar seguia de novo para o Rio de Janeiro onde assentou praça na companhia de aspirantes a guarda-marinha.

O heroe revelou-se em breve na campanha Cisplatina e depois, já primeiro tenente, na sanguinolenta repressão dos Cubanos do Pará sendo então promovido a capitão tenente em virtude dos actos de doida bravura que praticou.

Ao declarar-se a guerra do Pasagnay, Barroso, que n'essa occasião estava no Rio da Prata, foi encarregado do commando d'uma das divisões da esquadra do intemerato almirante Samandarè e pouco depois nomeado chefe do seu estado maior. Logo depois, pelo seu valor e reconhecida tactica, foi incumbido de commandar a esquadra que iniciou o bloqueio.

Nos seus combates terribes contam-se o de Cuevas, Mercedes e o do Riachuelo, commandando n'este ultimo o *Amazonas*. Quando em 1868 voltou ao Rio de Janeiro era já almirante e varias vezes, então, recusou a pasta da marinha offercida pelo imperador.

Atacado, um anno depois, por uma doença d'olhos foi a Paris afim de ser operado pelo notavel especialista Wecker e voltando mais tarde a Montevideu, onde tinha numerosa familia, ahi veio a fallecer em 8 de Agosto de 1882.

No dia 31 de janeiro de 1904 com a assistencia do ministro do Brasil, commandante, officiaes e uma força do coraçado *Benjamin Constant*, foi inaugurada uma lapide commemorativa do nascimento do almirante Barroso, mandada collocar por uma commissão de bra-



Almirante Luiz Filipe Saldanha da Gama

(Cliché Bastos Dias — Rio de Janeiro).

sileiros e jornalistas portuguezes correspondentes de jornaes fluminenses no intervallo de duas janellas do primeiro andar em que nasceu em Lisboa, na rua Garrett.

O almirante Saldanha da Gama, descendente do Marquez de Pombal, o celebre ministro de D. José I, nasceu em Campos a 7 de abril de 1846.

Cursou no Rio de Janeiro o collegio de D. Pedro II e em 1861 matriculava-se na Escola de Marinha fazendo como alumno varias viagens de instrucção.

Tomou parte na guerra do Uruguay sendo elle o porta-estandarte do batalhão de fusileiros navaes no assalto a Paysandú e distinguindo-se como tal pois conseguiu ao fim de encarnicados combates plantar a bandeira brasileira no alto das trincheiras pelo que foi elogiado, em ordem do dia, pelo commandante da esquadra.

Assistiu tambem á guerra contra o Paraguay tomando parte em varios recontros e merecendo sempre elogios pela parte que lhe coube nos feitos em que o coraçado *Brasil* forçou Curupaity, em 15 de agosto de 1867, no auxilio que prestou na passagem do Humaytá, na abordagem do *Lima Barros*, em 2 de março do mesmo anno, por actos de bravura praticados na Lagoa Funda, no Chaco, na peninsula fronteira do Humaytá, impedindo a fuga dos paraguayos, em canoas.

Em 1869 foi promovido a capitão-tenente, em 1881 era capitão de fragata e finalmente em 1892 era promovido a contra-almirante.

Durante este tempo commandou diversos navios taes como o «Ypiranga», o «Carnahyba», o «Almirante Barroso» o «Riachuelo» e outros e desempenhou varias commissões importantissimas.

Por occasião da revolta da armada brasileira, Saldanha da Gama assumiu o seu commando e, tendo fortificado as ilhas das Cobras, da Conceição e Mocangue Grande, dirigiu pessoalmente os comba-



No Rio de Janeiro. — Trasladação dos restos mortaes dos almirantes Barroso e Saldanha. — Sahindo do Arsenal de Marinha.

tes da ilha do Governador e da Armação no qual recebeu dois ferimentos.

Julgando-se mais tarde sem recursos para continuar a lucta contra o marechal Floriano Peixoto, e tendo sido sejeitada a sua proposta de capitulação, deliberou acolher-se á protecção da bandeira portugueza, refugiando-se, bem como diversos officiaes e muitas praças, a bordo das corvetas «Mindello» e «Affonso de Albuquerque» cujo commandante era o sr. conselheiro Augusto de Castilho director d'esta revista e actual ministro da marinha.

Mezes depois Saldanha da Gama regressava ao Brasil e tomava parte na revolta do Rio Grande do Sul.

Em 24 de Junho de 1895, ultimo dia da sua vida, Saldanha es-

tando de madrugada a preparar as suas trincheiras foi subitamente atacado, derrotado e morto.

Saldanha da Gama era condecorado com a commenda da Rosa e de Christo, era official da ordem de S. Bento de Aviz e de uma ordem chinesa.

A mulher que se dedica a escrever augmenta o numero dos livros e diminue o das mulheres.



No Rio de Janeiro. — Trasladação dos restos mortaes dos almirantes Barroso e Saldanha. — O prestito na rua Visconde de Inhauma



No Rio de Janeiro. — Trasladação dos restos mortaes dos almirantes Barroso e Saldanha. — O prestito passando na Avenida Central

Os maiores tuneis

O maior tunel da Europa é o de Simplon, que tem 20 kilometros de extensão. Os trabalhos de perfuração começaram ao mesmo tempo, do lado da Suissa e do lado da Italia; duraram cerca de 26 annos e custaram 72 milhões de francos.

O tunel de S. Gothargo é mais curto, mede 14 kilometros, apesar d'isso os trabalhos de perfuração custaram mais 3 milhões de fran-

cos do que o de Simplon, pela difficuldade de penetração. O tunel de Monte Cessis, construido de 1856 a 1871 tem apenas 13 kilometros e custou 68 milhões de francos.

O tunel de Simplon não é só o maior da Europa como do mundo inteiro; os americanos tratam de levar por deante Lon Irland, sob o East River que seria maior do que o dos Alpes, mas por emquanto está em projecto. O orçamento dos trabalhos attinge 250 milhões de francos. O tunel deve medir 24 kilomentros de extensão e atravessa New-York de lado a lado.



No Rio de Janeiro. — Trasladação dos restos mortaes dos almirantes Barroso e Saldanha. — Chegada do prestito à Cruz dos Militares



Dr. Alfredo da Cunha



sr.^a D. Adelaide Coelho da Cunha e seu marido, o illustre director do *Diario de Noticias*, celebraram ha poucos dias nos salões da sua residencia, no largo de S. Vicente, uma festa ao mesmo tempo sumptuosa, simples, elegante e intima.

Versos primorosamente recitados, quadros vivos adoraveis reproduzindo, com uma nitidez e uma graça inexciveis, assumptos de telas his-

tantas formas fez vibrar a alma sensivel dos que collaboraram na festa e dos que com o maior enthusiasmo os applaudiram.



A sr.^a D. Adelaide Coelho da Cunha e seu filho José Coelho da Cunha e a sr.^a D. Maria Emilia Macieira Lino, na comedia *Todos o mesmo*, adaptação da comedia franceza de Charles Narcey, *Comme elles sont toutes*.

Reproduzindo algumas das melhores scenas interpretadas e dando os salões d'esse velho palacio, a cuja decoração presidiu um alto e apurado gosto, rejubila-se o *Brasil-Portugal* de poder fixar nas suas



Visita ao atelier de Murillo (quadro vivo)

Da esquerda para a direita: Dr. Fernando Emygdio da Silva, (Murillo), Dr. Antonio Rivara (segundo cardeal), D. Laura Sassetti, tendo sentada a seus pés a menina Maria da Conceição Diniz Coelho, D. Olga Suzaglo, Mannel Emygdio da Silva (primeiro cardeal), D. Laura Sassetti (filha), D. Esther Suzaglo, D. Cecilia Rivara, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Alda dos Santos Lino, D. Octavia Sassetti.



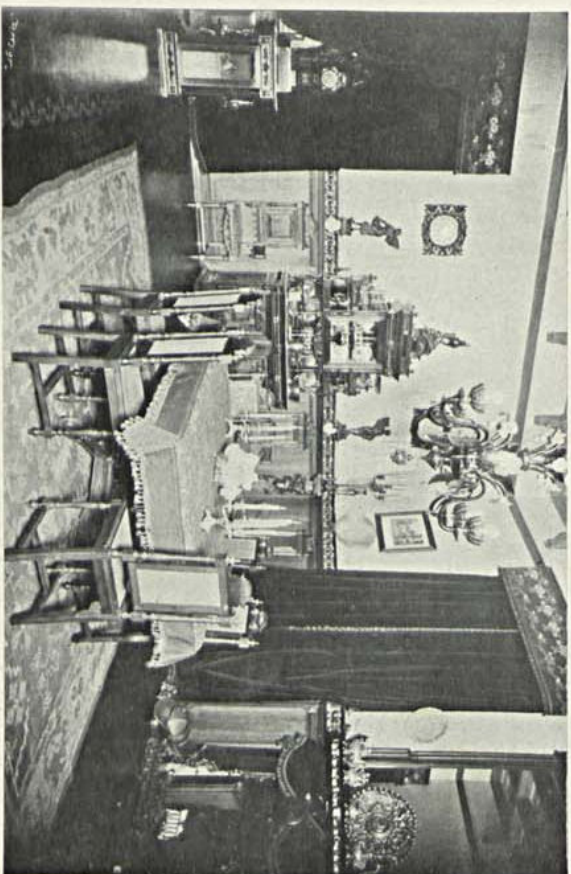
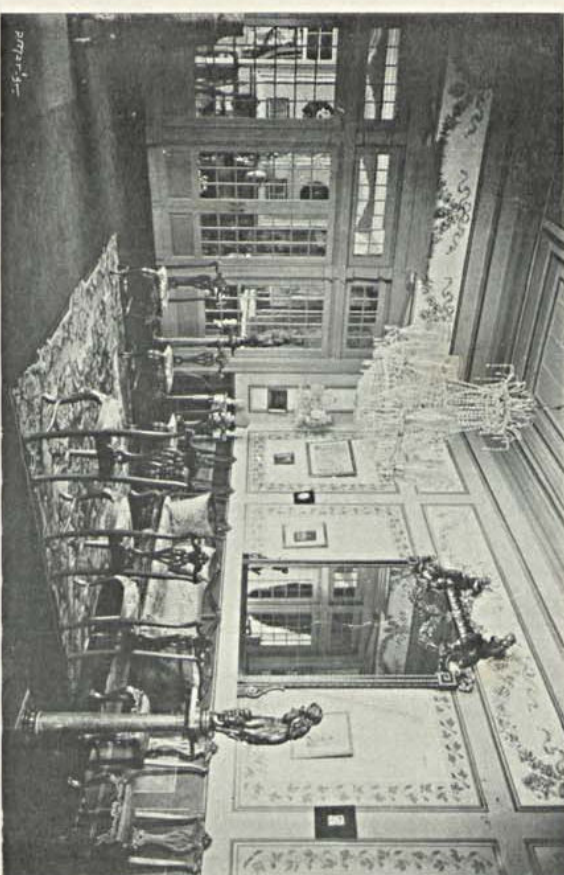
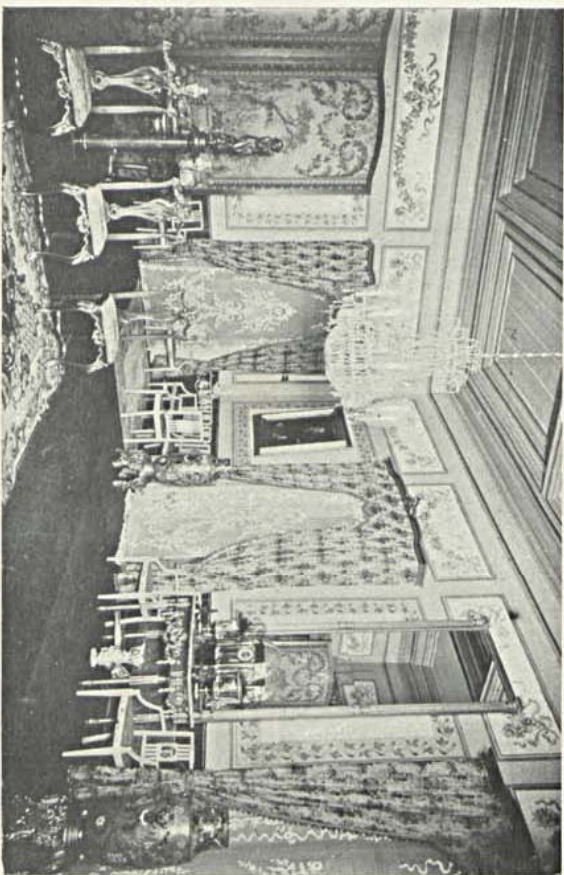
A caminho de Fez (quadro vivo)

Da direita para a esquerda: D. Alice Rivara, D. Alda dos Santos Lino, Dr. Fernando Emygdio da Silva, D. Laura Sassetti (filha), José Lino, D. Adelaide Coelho da Cunha, D. Leonor Rivara (sentada), D. Maria Emilia Macieira Lino, (de pé) D. Laura Sassetti, D. Fernanda Bastos, D. Octavia Sassetti, José Eduardo Coelho da Cunha.

toricas e famosas, uma fina comedia deliciosamente interpretada, composições musicaes cantadas com sentimento e arte, tal foi o encanto d'essa noite, que por

columnas essa nota de arte, tão rara e imprevista na sociedade de Lisboa. E, da indiscrição, limita-se a pedir venia ao dr. Alfredo da Cunha.

Residência do dr. Alfredo da Cunha



Tres salões e a sala de jantar

Abertura do Paraíso de Lisboa



D. José Saragga. — Emprezaio do Paraíso de Lisboa

Paraíso de Lisboa



contecimentos, dos que marcam, dos que se impõem não são apenas a vinda dos portuenses ou dos estudantes de Coimbra a Lisboa, os discursos do sr. Affonso Costa, as scenas de pugilato que tem havido ou está para haver. *Cesse tudo o que a musa antiga canta*, vem do épico até nós, e o outro valor que mais alto se levanta é... o Paraíso de Lisboa.

O Paraíso, sim, aquella inolvidavel estancia de recreio de verão, lá está outra vez a attrahir uma população inteira, a amenisar as noites calmosas, a ser, em resumo, o authentico paraíso da cidade. O valor que se levanta é elle, é elle o acontecimento por excellencia da ultima semana decorrida.

E não lhe bastavam os seus encantos conhecidos, os palcos dos seus theatros, toda a diversidade das suas distracções. Não. Era preciso que alguém, de idade curta e aspirações largas, em iniciativas indo até ao arrojo, em actividade valendo por sete, tomasse pelas mãos essa creança que ainda não tinha um anno, lhe insuflasse vida e a considerasse legitima filha sua.

E' simples. D. José Saragga perfilhou o Paraíso de Lisboa, e d'ahi o muito amor que lhe tem, o muitissimo que lhe quer. E consigo mesmo fez esta reflexão caprichosa: ou o Paraíso ha de ser o primeiro dos theatros e eu o primeiro dos emprezaio, ou a vontade de ferro e a vocação provada é uma mentira.

D'esse momento em deante mãos á obra. Cobre-se de vidros a esplanada, amplia-se o palco, organisa-se uma companhia de noventa figuras, dá-se ao publico como manjar branco uma obra tão litteraria como popular, espirituosa e desopilante, resolvem-se difficuldades, fazem-se milagres, e eis de pé, firme, impavido, ao simples surge et ambula do juvenil emprezaio, esse Paraíso de Lisboa, que, segundo o costume, a bondade indigena da nossa gente suppunha ter acompanhado á cova com o consolador *Requiescat in pace*.

Lá está esse Paraíso em plena vida, em plena alegria. Lá estão a chamar todas as noites a cidade em peso o seu theatro grande, a sua glissagem, a sua patinagem, a agua do seu lago, o murmuro das suas arvores, e mais, e melhor

do que isso, as lindas caras e as fôrmas esculpturaes de algumas das bellas figuras que se ostentam na lindissima e graciosa *Revista de Cupido*, em que André Brun quiz provar que tem talento e graça para encher dois recintos vastos como o *D. Amelia* e o *Paraíso de Lisboa*.

Saragga quiz demonstrar, por outro lado, que em guarda roupa sabia apresentar innovações de luxo e requintes de gosto, e que quando estes elementos se conjugam com uma escolha de artistas, entre os quaes figuram nomes conhecidos como Amelia Pereira, Roque, Setta da Silva, Georgina Gonçalves, Isabel Pacheco, e Amaral, com trechos de musica que abonam o talento de tres compositores, com quatro scenas em que Augusto Pina, Reis e Salvador, porfiaram em salientar o seu valor de artistas, e com a direcção acertada de Pedro Cabral com todos estes attractivos, quando se conjugam, o publico ha de forçosamente corresponder ao appello do emprezaio que o sabe ser, audacioso e de vista segura. E' por isso que damos juntamente com o retrato d'elle, duas das melhores scenas da *Revista de Cupido* e uns interessantes clichés do Paraíso da rua da Palma, que reabriu no dia 27 com exito excepcional... e justo.



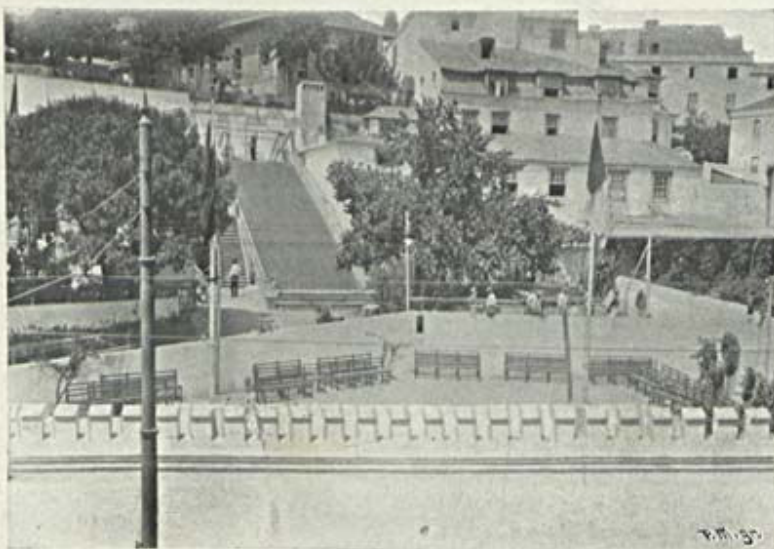
Paraíso de Lisboa. — Aspecto exterior



Paraiso de Lisboa. — *Crise do Amor*
(Augusto Pina)



Paraiso de Lisboa. — *Apotheose*
(Augusto Pina)



Paraiso de Lisboa. — *A glissagem*

Naquella casa . . .

Naquella casa, onde a Bondade impera,
Onde o agrado não é uma ficção,
Onde, á porta, um sorriso bom me espera
E um menino me leva pela mão ;

Onde a hospitalidade mais sincera
Rica de dons, descobre o coração,
E os affectos se enlaçam como a hera,
Fundindo as almas n'uma estreita união...

— Ia cahindo a tarde do meu dia.
Quando a minha'lma heroica succumbia.
Mortalmente ferida pela dôr —

Naquella casa, um raio de bonança
Rasgou-me a noite da Desesperança,
E ao seio morto me emprestou calor !

M. Duarte d'Almeida.